

# SINONÍMIA DE HAGIÔNIMOS NO CONTEXTO DO SANTO DAIME

## SYNONYM OF HAGIONYMS IN THE CONTEXT OF SANTO DAIME

Marciano da Silva Amorim **1**  
Soraia Cristina Blank **2**  
Juliana Abrão da Silva Castilho **3**

**Resumo:** *Esta pesquisa analisa a sinonímia presente nos nomes de entidades do Santo Daime: a Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta e Iemanjá, que são hagiônimos a partir de área de estudo da semântica. Este artigo analisa este processo através das letras dos hinos utilizando as referências presentes nos estudos socioculturais sobre religiosidade, buscando a relação sincrética das religiosidades das tradições Indígenas, Cristãs e Afro-brasileiras. Por meio da Análise de Discurso, verifica-se, no interdiscurso, o dito e o não dito, se tornando reais a partir do interdiscurso. Através do processo de sinonímia dos hagiônimos, percebe-se a relação sincrética das religiosidades estabelecida nesta nova religiosidade brasileira.*

**Palavras-chave:** Sinônimos. Hagionímia. Sincretismo. Religião.

**Abstract:** *This research analyzes the synonymy in the names of entities of Santo Daime: Nossa Senhora da Conceição, Rainha da Floresta and Iemanjá, which are hagionyms from the area of study of semantics. This article analyzes this process through the lyrics of the hymns using the references present in sociocultural studies on religiosity, seeking the syncretic relationship of the religiosities of indigenous, Christian and Afro-Brazilian traditions. Through Discourse Analysis, the said and the unsaid are verified in the interdiscourse, becoming real from the interdiscourse. Through the process of synonymy of the hagionyms, the syncretic relationship of religiosities established in this new Brazilian religiosity is perceived.*

**Keywords:** Synonyms. Hagionymy. Syncretism. Religion.

- 1** Especialista em Docência do Ensino Superior e EJA pela Faculdade Iguaçu, Licenciado em Habilitação em Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Tocantins (IFTO). Pesquisador independente. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6508067784320068>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8936-8677>. Email: [marcianoamorimletras@gmail.com](mailto:marcianoamorimletras@gmail.com)
- 2** Doutora em Psicanálise e Linguagem, Mestre em Linguística Aplicada pela (UFPR), Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional, Língua Espanhola e suas literaturas (PUC-PR), Bacharel em Teologia e Psicologia, Especialista em Catequese e Liturgia e em Bíblia. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada com ênfase em estudos afro-brasileiros e indígenas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5835287760751172>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0430-5226>. E-mail: [soraiablank@ifto.edu.br](mailto:soraiablank@ifto.edu.br)
- 3** Doutora em Ciências do Ambiente (UFT), Mestre em Sociologia (UFG), Bacharel em Ciências Sociais (UFG). é Professora do Núcleo de Sociologia do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0575635586387178>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3487-3048>. Email: [juliana.castilho@ifto.edu.br](mailto:juliana.castilho@ifto.edu.br)

## Introdução

O estudo de sinonímia dos hagiônimos em contexto religioso do Santo Daime (SD) tem caráter social amplo, pois é neste âmbito que é construída a teia de significados que atribui significado à produção linguística. Percebe-se, neste sentido, uma pequena quantidade de discussões acadêmicas sendo implementadas sobre a análise discursiva de produções musicais religiosas a partir do universo sincrético das novas religiosidades brasileiras. Nota-se uma escassez de pesquisas que explorem a relação entre esses universos, considerando que “a análise a partir dos eixos musical e linguístico permanece pouco estudada” (Assis; Labate; Cavnar, 2017, p. 166).

No Santo Daime, os hinos assumem um caráter musical e litúrgico, mas também podem ser considerados como elementos da construção identitária e de grupo. Através dos cânticos são compartilhados os valores éticos e espirituais deste grupo que é largamente sincrético em sua formação doutrinária e ritualística. A música vai além da promoção do intercâmbio metafísico que uma religião se propõe, ela promove coesão comunitária e sociabilidade por meio da criação de significados compartilhados. As músicas, em contexto religioso, colaboram para a organização litúrgica e o ordenamento ritualístico, ao tempo em que estabelecem uma rede de comportamentos e práticas coletivas, e ordenam o tempo e o espaço social sagrado.

Este artigo tem como objetivo contribuir para os estudos interdisciplinares sobre a intersecção entre linguagem, musicalidade e religiosidade, analisando o processo no âmbito semântico e investigando como se apresenta a articulação desses campos através do sincretismo religioso.

Foi necessário percorrer a jornada de pesquisa para intersecção entre campos de estudo e pesquisa, e encontrar significações no campo social que permitiram compreender como se dá a sinonímia nos hagiônimos ‘Rainha da Floresta’, ‘Nossa Senhora da Conceição’ e ‘Iemanjá’ materializadas nas músicas (hinos) do contexto do SD. Para tanto, este estudo se propôs a examinar nos hinários (compêndio de cânticos utilizados nos ritos litúrgicos desta religião) o sincretismo entre as figuras imagéticas destas três entidades, presentes nos cânticos religiosos. Estes textos, para além de poéticos, são documentos sobre a semiótica e a narrativa religiosa dos encontros das divindades supramencionadas. O projeto que deu origem a este artigo pretendeu analisar a sinonímia dos hagiônimos, no Santo Daime, uma vez que é no âmbito destas manifestações culturais que as entidades sagradas se conectam umas às outras.

## Referencial teórico

A forma como as pessoas projetam nelas mesmas identidades construídas coletivamente, internalizando valores, símbolos, regras de conduta, significados, comportamentos conecta os indivíduos aos grupos sociais em que transita e ao contexto cultural mais amplo (Hall, 2006).

As práticas de significação são importantes para perceber o contexto do SD. No âmbito religioso, a atribuição de sentidos e significados simbólicos é parte da prática religiosa. Segundo Hall, “em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema, e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo” (Hall, 2016, p. 20). Logo, como cada grupo realiza a atribuição de significados, cada religião que cultua seus hagiônimos, atribui significados a essas entidades. Para outras realidades e vivências religiosas pode ser estranha a concepção de que as três entidades sejam uma só, mas no contexto do SD, essa prática de significação acontece de forma sincrética sendo naturalizadas suas representações como sinônimas.

As representações analisadas são culturais e se materializam na linguagem (Hall, 2016). Ao pensar em linguagem, Marra e Milani (2012) explicam sobre Meillet, o primeiro a entendê-la como um fato social, ao expor que “realça sua noção dizendo que a linguagem possui uma realidade que é tanto linguística, quanto social” (Marra; Milani, 2012, p. 79). Essa aprende-se nos grupos que os indivíduos integram, como também a língua, que se difere do outro termo, não sendo sinônimo. Aprendemos a língua, também, a partir do contato social, pois “esta é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana a que chamamos “linguagem” (Perini, 2010, p. 12).

Sanchis (1995) argumenta que todas as religiões são, em alguma medida, sincréticas, pois

refletem a interação de elementos sagrados. Das diversas religiões, há religiões tradicionais e novas religiosidades. Assim, ocorre o mesmo com as religiões tradicionais, como o xamanismo, catolicismo, protestantismo, espiritismo, candomblé e a umbanda. Todas essas exerceram grande influência na construção do Santo Daime (SD), da Barquinha e da União do Vegetal, consideradas novas religiosidades brasileiras.

A diversidade religiosa brasileira está presente desde o xamanismo das religiões indígenas. Segundo Luciano (2006) estas representações advêm dos elementos da cosmologia ancestral: a floresta, a terra, o sol, a lua, estrelas, ou seja, a natureza cosmológica. Pompa (2001), explica que as crenças das sociedades indígenas originais não tinham status de religião para os padres jesuítas que utilizaram a religiosidade católica como instrumento de dominação. Para assim proceder, comparavam o Tupã (entidade mitológica Tupi-Guarani) com Deus (entidade mitológica de origem judaica, posteriormente anexada também nas religiões cristãs e etc) para assim implementar a catequese junto aos povos indígenas. Desta forma, a sobreposição imagética simbólica passou a fazer parte da cultura brasileira.

O sincretismo, na igreja cristã, é um movimento que ocorre há mais de 20 séculos, segundo Hurlbut, (2007) e há o compartilhamento de concepções e conteúdo do Judaísmo que se apresentaram, posteriormente, no cristianismo, que manteve alguns dogmas já introduzidos no judaísmo. Na mesma condição de tradicionalidade, o catolicismo agrega alguns de seus elementos ao SD. A Santa Nossa Senhora da Conceição como a Rainha da Floresta, por exemplo, ou a transposição da cruz católica para a imagem do cruzeiro do SD.

O Candomblé é uma religiosidade brasileira formada através de ideais religiosos oriundos do povo escravizado de diferentes grupos sociais e lugares do continente africano, e que consigo trouxeram diferentes tradições religiosas: “Angola, Congo o Gêge (isto é, Ewe), o Nagô (têrmo com que os franceses designavam todos os negros de fala yoruba, da costa dos escravos), Quêto (ou Ketu), Ijêxa (ou Ijeshá)” (Bastide, 1961, p. 17). Os fiéis destas religiosidades cultuam os orixás, as energias da natureza, e acreditam que cada ser humano é regido por alguns deles.

O Espiritismo também apresenta grande sincretismo em sua construção doutrinária, pois utiliza elementos do Catolicismo para analisar de forma particular as passagens sobre a vida de Cristo, presentes no Novo Testamento da Bíblia Católica. Allan Kardec, seu fundador, entendia o espiritismo como uma forma científica de perceber o mundo imaterial e os fenômenos que, até então, não poderiam ser explicados, nem pela razão, nem pela religião. O aproveitamento dos ensinamentos cristãos serão base para a construção doutrinária espírita (Kardec, 2009).

Por sua vez, a Umbanda, a primeira religiosidade fundada no Brasil “teria nascido como dissidência de um kardecista que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores” (Prandi, 1990, p. 54). Nesse sentido em que aborda, esses espíritos seriam os exus, pretos velhos, caboclos, pombas gira, mas também se percebe que a Umbanda relaciona, entre seu panteão de entidades, santos católicos de parte da doutrina cristã, além de receber as entidades típicas do Candomblé.

As novas religiosidades brasileiras citadas neste trabalho têm por característica o sincretismo religioso, a partir de componentes doutrinários e ritualísticos do Cristianismo, Espiritismo, Umbanda, Candomblé, das diversas religiosidades indígenas do Brasil e de aspectos da cultura popular. Dentre estas novas formas de estabelecer conexão entre o sagrado e os adeptos, no Brasil, pode-se destacar como religiosidades neo-ayahuasqueiras os novos grupos religiosos que fazem uso de um elemento de uma crença tradicional dos indígenas, em geral, o uso do chá de Ayahuasca, como mecanismo de conexão com o sagrado em situação de ritual (Moreira; Macrae, 2001).

Muitas vezes o termo “religiões neo-ayahuasqueiras” é tido como sendo apenas o Santo Daime, sendo que, muitas outras religiosidades, como a Barquinha e a União do Vegetal, também são típicas religiões que utilizam o chá e rituais sincretizados na tradição religiosa indígena. Neste dado exemplo sobre a inadequação de perceber a palavra por dados indivíduos, a linguagem vista como mecanismo, fará com que cada uma das pessoas que busquem as informações sobre o termo “neo-ayahuasqueiro” amplie-o no sentido de que não é apenas uma religião que o determina, isto é, ele aprenderá a partir de outro indivíduo que estabeleceu um sentido ao termo (Moreira; Macrae, 2001).

O Santo Daime (SD), Barquinha e União do Vegetal (UDV) são religiões advindas do estado do Acre e, em cada contexto, há uma diferenciação quanto às suas nomenclaturas, os rituais e quanto

ao nome do chá. Na UDV, por exemplo, o chá é chamado por Hoasca ou, simplesmente, Vegetal. No contexto do Santo Daime, o chá recebe status de sacramento que concede ao adepto que o consome em situação ritualística o contato com o sagrado e, o nome do chá, é uma metalinguagem em nome da própria religião. No momento de transe, provocado pelo ritual que é feito o uso do chá, além do encontro com divino, o daimista pode receber curas de doenças físicas e espirituais que, através da alteração do estado de consciência, podem lhe ser concebido o conhecimento de informações inacessíveis durante o estado de vigília da consciência (Richiardi, 2008).

O fundador do Santo Daime, o Mestre Irineu, tendo como nome de batismo Raimundo Irineu Serra, nasceu no maranhão e era um homem de mais de dois metros de altura, negro, neto de pessoas que foram escravizadas, era “o escolhido”, segundo está em Moreira e MacRae (2014) através de relatos dos que conviveram com ele, como o homem que levaria a mensagem de Clara, a Rainha da Floresta, Nossa Senhora da Conceição: o chá, os hinos, o Santo Daime. A identificação dessa entidade chamada Clara foi definida pelo próprio fundador como a Nossa Senhora da Conceição, avistada também nessa condição de Rainha da Floresta ao aparecer, a partir do retiro que esse se predispôs a fazer com o uso do chá, na mata.

O sincretismo no Santo Daime se dá na percepção dos grupos citados ao decorrer deste trabalho, até mesmo, se comparado o chá ao próprio corpo de Cristo, assim como o vinho acompanhando a hóstia, pois é “o precioso sangue de Cristo. O que era o privilégio de uns poucos eleitos, agora, estaria oferecido para toda a humanidade” (Mortimer, 2000, p. 230-231).

Deve-se esclarecer que há duas linhas distintas ao falar-se em SD: a do Mestre Irineu, inicialmente fundada pelo próprio e a do Padrinho Sebastião que segue a linha relacionando-se com a umbanda em 1982, em trabalhos no Céu do Mar, no Rio de Janeiro e por volta de 1984 oficialmente insere-se no contexto daimista, na igreja Céu da Montanha (Gregarich, 2011).

Entende-se essa religião sincrética como um sistema cultural que possibilita às pessoas uma forma diferente de ver o mundo, é um lugar com uma diversidade de símbolos. Os próprios hagiônimos, o chá e os hinos que “são tidos como a própria voz da doutrina, legitimando as práticas e dando uma direção para os usuários do chá”. (Rehen, 2007, p. 185).

Sobre a religião como um sistema cultural, Geertz percebe como está sendo:

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes, e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 2008, p. 67).

Desse modo, os hagiônimos contidos nos hinos, são símbolos que estabelecem disposições e motivações, pois formulam-se dos conceitos de uma ordem existencial real representando assim uma referência para que os praticantes possam conviver melhor em sociedade, sendo essas entidades responsáveis por alguns dos propósitos de transformação da vida dessas pessoas. Sobre as entidades que propôs estudar este artigo, entende-se o contexto de história de cada hagiônimo, mostrando assim que de fato são sinônimos que possibilitam histórias diferentes, contextos e locais de aparições.

Com esse aparato, dá-se seguimento a explicação da sinonímia que é um campo da área da semântica, essa que se ocupa com análises referentes aos aspectos dos sentidos da linguagem (Ullmann, 1977), com isso, constata as significações das palavras nos sentidos lexical e estrutural (Cançado, 2008) e, assim, no contexto daimista, compreender-se-á esse estímulo associado do signo, que faz com que se associem ao ter como sentido principal a sinonímia a qual dá espaço para o estudo de palavras sinônimas, isto é, palavras que contenham significados similares, mas nem sempre tão iguais, haja vista que “é impossível encontrar dois sinônimos perfeitos” (Ilari; Geraldí, 1985, p. 46.), entendendo os diferentes conjuntos de contextos que cada uma particulariza.

A relação entre sincretismo e a sinonímia está no fato de que uma possibilitou a outra, isto é, A Rainha da Floresta, sincretizada com a Nossa Senhora da Conceição, como também lemanjá forma a necessidade de haver sinonímia em um nome próprio, pois, assim, acabam por representarem

uma a outra ao interagir seus sentidos no discurso, através dos hinos. Um exemplo dessa interação está no hino da Madrinha Alice, em “Mamãe dos Ventos”, do hinário O Rosário, ao comparar Iansã com Santa Bárbara, uma vez que a santa tem sua história colocada como controladora de uma força da natureza, o raio, assim como a Iansã.

O hagiônimo é um termo da onomástica, estando em sua subdivisão a antroponímia e se ocupa de estudos quanto às análises dos significados dos nomes de entidades religiosas, como também elementos sagrados, como argumenta Aguiar (2018). Sendo assim, nesse contexto, a sinonímia dos hagiônimos é esclarecida nesta pesquisa como forma também de mostrar uma área não tão estudada para o intuito de interpretação das subdivisões semânticas e também onde se dá o sentido de cada hagiônimo. Os santos são hagiônimos e há sinonímia colocando em comparação às três santas propostas.

Explica-se, em primeiro instante, a Nossa Senhora da Conceição, Aguiar (2018) a define como sendo a Maria mãe de Jesus, e o sentido de “Conceição” vem do grego *ὄνομαστική*, dando sentido a “concepção”. Já a Rainha da Floresta, esta foi avistada por Mestre Irineu, na floresta, em um retiro que este fez a base do uso de apenas mandioca, sem sal, água e o santo daime. Esta passava-se por Clara, e, sendo assim, ele a denominou sendo uma santa a outra, como relatam Moreira e MacRae (2014). Nos hinos há sempre menção desta nomenclatura. Quanto à orixá Iemanjá, origina-se na África, mas aqui no Brasil é uma entidade advinda inicialmente do Candomblé, de “Yèyè omo ejá”, que significa “mãe cujo os filhos são peixe” (Verger, 1981).

Destaca-se, assim, situações nos hinários que podem admitir, além do que já propomos no referencial, informações a que se refere essa interação, propondo estudar os hinários e obter dados que confirmem a dada sinonímia de hagiônimos, no contexto daimista, obtendo dados a partir da metodologia a seguir.

## Metodologia

A percepção da sinonímia dos hagiônimos no contexto do Santo Daime apresenta como dificuldade a escassez de dados materiais. Em exploração de campo, percebeu-se a dificuldade de encontrar textos que demonstrassem as relações entre língua e cultura que foram interesse desta pesquisa. Buscou-se, portanto, verificar a menção dos hagiônimos presentes nas letras das músicas (hinos) entoados nos rituais religiosos. São textos que, além de teor literário com versos e estrofes, apresentam rimas e uma cadência sonora característicos das letras musicais. Os hinários com as letras das músicas foram coletados em um templo daimista na cidade de Palmas, no Tocantins. A partir da letra das músicas realizou-se a Análise de Discurso (AD), buscando perceber se a intencionalidade ali, implícita e explicitamente manifesta seria suficiente para configurar relação e sinonímia dos hagiônimos presentes neles (Orlandi, 2015). A AD busca relacionar a língua ao simbolismo cultural e social que a ela se relaciona e foi utilizada para perceber como o interdiscurso se apresenta materializado nos textos das músicas. Sendo assim, refletiu-se sobre o interdiscurso, aquilo que já foi dito por outras pessoas, é conhecido por um grupo e foi internalizado por quem fala e se torna parte do discurso do grupo representando um conjunto de formulações feitas e já esquecidas, mas que determinam o que dizemos (Orlandi, 2015).

Os discursos são controlados, interna e externamente, por quem emite. Esta ação vai para além da ação verbal, alcança também o texto escrito. Nesta pesquisa tem-se a letra da música, imagem e toda a comunicação emitida com uma intencionalidade. O discurso está impregnado de uma intencionalidade, que nem sempre está explícito e tem conotação política, emitindo posicionamentos, impregnados de valores, cultura, comportamento social, que são meios de integração social (Bauer; Gaskell, 2017).

Ao resgatar a materialidade do discurso, através do texto, buscou-se trazer a luz do problema de pesquisa ao que é simbólico e está presente no texto, para além do que foi expresso (dito). A linguagem tem diferentes formas de se expressar, que se relacionam a concepções, formas de ver o mundo e todo o sistema de relações materiais e abstratas realizadas entre as pessoas. O não dito, o simbólico ou o inconsciente só é exposto se relacionado com um universo, que no caso das religiosidades é também mítico. Essas outras linguagens e expressões, muitas vezes formam um sistema de sentidos e conexões de produções que o interdiscurso não revela prontamente, no qual

o sujeito transita e se relaciona. A extração de significados é responsabilidade da pesquisa exaustiva e conhecimento do contexto, do campo e do grupo observado aqui a partir das letras das músicas (Orlandi, 2015).

Segundo Orlandi, esse não dito do interdiscurso, pode ser uma memória cuja lógica discursiva pode estar esquecida. Ao se pensar nas santas do Santo Daime, a aproximação de Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá, ambas com significância em distintos grupos sociais e significação aproximada no Santo da vertente do Padrinho Sebastião. Portanto, foi realizada a análise do discurso presente nos textos que realizavam essa relação de interação sincrética entre os três hagiônimos.

Neste estudo percebe-se o próprio grupo social, que está conectado a uma memória coletiva e carrega a comunhão de saberes que foram passados de um dito, para outro dito, que configura uma junção de significados de outras religiões, formando uma escola onde esses remodelam em sua visão de mundo características dadas de outras Instituições. Muito se pode ter no discurso, e nele também contém um esquecimento, uma não lembrança. O sincretismo, de certo modo, pode se tornar implícito ao pensar sobre alguns adeptos dentro da doutrina, pois isso aconteceu em um determinado período histórico e foi dito por alguém aquelas significâncias de mundo, mas o campo da pesquisa se centrou a analisar precisamente a sinonímia presente nos hinos.

Orlandi (2005) também fala do “dito” e “não dito” através de teorias de Ducrot (1972) em que há “um não dizer implícito, o pressuposto, e subentendido, este autor vai separar aquilo que deriva propriamente da linguagem (pressuposto), daquilo que se dá em contexto subentendido” (Orlandi, 2005, p. 82). Nesse sentido foi possível destacar que nos hinos há essa característica. No caso ao se pensar sobre a análise nesse campo, o santo daime incorpora em seus hinos alguns ditos e não ditos ao se pensar sobre o nome dessas entidades em algumas estrofes, sendo possível destacar o sinônimo. Por exemplo: se no hino do Mestre Irineu diz: “encostado a minha mãe e meu papai lá no astral”, pode-se observar que ele fala da Rainha da Floresta e do pai, o Deus, isto é, ele não falou exatamente o nome desses seres, mas os adeptos teriam a noção do que se refere mesmo que não tenha dito. Ele ainda discursa: “Minha flor, minha esperança/ Minha rosa do Jardim / Para sempre eu quero estar / com minha mãe juntinha a mim”. Nesse caso a Rainha da Floresta já é dada como Flor, a esperança e a rosa do Jardim, mas em nenhum momento ele fala o nome dela, mas fica no imaginário dos adeptos a quem se dá a referência por terem a consciência do mundo daquele local. Em nenhum momento desse hino o Mestre Irineu falou o nome delas, mas usou de sinônimos as quais a distinguem. Percebe-se, ainda, que como ela é a Rainha da Floresta, se torna flor, rosa, ligada à natureza.

Dessa forma, a análise para destacar essa sinonímia partiu de analisar, dentro da AD, o “não dizer” presente em trechos, pois muitas vezes o pressuposto “x”, poderá soar ao contexto subentendido de “y” em que as santas interagem mesmo quando essas não são de certa forma expostas em palavras escritas ou faladas, mas sendo sinônimas pelo contexto ideológico ao qual formaram seu discurso.

A AD se apresenta como alternativa de análise à perspectiva tradicional, propõe o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, interpretando a partir do contexto ideológico. A AD decorre da percepção da linguagem enquanto interação e construção social, a partir da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise (Gonçalves, 2016).

A fim de subsidiar a interpretação do discurso foi realizada extensa leitura para conhecimento da doutrina e do comportamento religioso do SD. Além da leitura de artigos científicos e pesquisa em páginas que tratam do tema, foi realizada visita ao local de culto, sendo relevante para a compreensão da dinâmica sincrética deste grupo religioso. Foi visitada a Igreja do Santo Daime em Palmas/TO, localizada na chácara Nova Dimensão, no km 13, da TO-020. Além da observação de campo, a equipe presente disponibilizou os hinários aos quais se pode extrair as letras das músicas que realizam menção aos hagiônimos analisados. A seguir aplicou-se a técnica de AD em dois cânticos do SD: “O caboclo afirma o ponto” e “Eu vinha de viagem” nos quais é interposta as imagens dos hagiônimos anteriormente referidos.

## **Análise de resultados**

### **Sobre o sistema cultural do Santo Daime em Palmas-TO**

O nome da comunidade a qual a igreja visitada está inserida, remete ao nome de um hinário do Padrinho Alfredo, o Alfredo Gregório de Melo, filho do Padrinho Sebastião, que se chama Sítio Nova Dimensão. Ela tem um formato piramidal, um salão com grandes colunas as quais sustentam a igreja rodeada de muretas, tendo os fiéis vista para a natureza ali presente.

Logo, quando se adentra ao local, pode ser observada uma grande imagem do Mestre Irineu num quadro, no teto, e em uma bancada, utilizada para despacho do Santo Daime, havia um pequeno cruzeiro e um quadro à frente dela a qual havia uma imagem do Padrinho Sebastião. O cruzeiro do SD é semelhante à cruz católica, mas diferencia-se desta por ter duas, invés de somente uma linha horizontal, esta é composta por duas, dispostas paralelamente e com uma das partes, a de cima, menor que a de baixo. No meio do salão de culto havia uma mesa em formato de estrela de seis pontas, no centro havia um outro cruzeiro (característico da SD) utilizado, segundo informado, quando se tem encontros. Nos dias de atividade religiosa essa mesa se encontra ornada com flores e pedras de distintas cores.

Quem entra na igreja, percebe logo na mesa em formato de estrela de seis pontas, exposta no centro da igreja de formato quadrado, a presença da imagem de Nossa senhora da Conceição recebendo quem adentra no espaço. Nessa mesa, além da imagem dessa santa, são colocadas flores e pedras como quartzo e ametista ao lado do cruzeiro, no centro... São colocadas velas para cada imagem dos santos e essas não podem ser apagadas até o final dos trabalhos. Do lado esquerdo para quem entra, após a mureta, na parede ao lado de fora do quarto onde se coloca as crianças para dormir, possui uma imagem de Iemanjá dentro de uma capela. Na frente da igreja há um grande cruzeiro, onde há uma casinha com vela acesa e onde serão colocadas as outras velas após o término dos trabalhos. À esquerda da igreja fica a casinha do Exu Tranca Rua, ao qual considera-se ser o defensor das porteiras das igrejas. Nas dependências da igreja possui a casa do caseiro, cozinha, banheiros masculino e feminino, jardins tanto em volta da igreja como na cozinha possui um galpão onde guarda-se alguns objetos e a casa de feitiço onde preparam o chá ritualístico.

Com essa explicação sobre as dependências do local, pode-se observar o uso das referências que cantam nos hinos expostas em imagens, representando códigos. As santidades sempre são reverenciadas e expõe-se a interação com a Umbanda, em que ao mesmo tempo que se observa símbolos advindos do catolicismo, há também símbolos das religiões afro-brasileiras.

### **A sinonímia entre Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição e Rainha da Floresta**

As análises quanto ao processo de sinonímia que ocorre entre os hagiônimos de três entidades: Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição e Rainha da Floresta. Iemanjá é uma entidade mitológica característica das manifestações do Candomblé, que tem uma representação, nesta religiosidade que a relaciona com parte do ambiente natural, em especial, com as águas salgadas. Iemanjá é considerada a entidade feminina superior, sendo mãe dos demais orixás, recebe também os títulos de Rainha do mar, Princesa do mar, dentre outros. Nossa Senhora da Conceição é uma entidade que compõe o panteão dos santos da igreja católica, é uma representação de Maria de Nazaré sem mácula, portanto também é chamada de Imaculada Conceição. Seu dogma foi instituído nos cultos ritualísticos do catolicismo oficialmente em 1854, mas a crença nesta entidade retoma o século IV d.C (Aguiar, 2018). A Rainha do Mar é a representação mais constante no Santo Daime, mas também é um nome pelo qual Iemanjá é chamada neste complexo religioso. Para a análise da sinonímia destes hagiônimos este estudo utilizou de dois cânticos do Santo Daime que são um hino e um podendo ser considerado “ponto”, possibilitando identificar esse processo. Identificando, assim, no hino “Eu vinha de Viagem” (hinário “O Justiceiro”, do Padrinho Sebastião) a interação entre Rainha da Floresta e Nossa Senhora da Conceição e o do ponto “Caboclo Afirma o Ponto” (hinário do Padrinho Roberto Corrente) ofertado por Gecila, em que dá sentido às mesmas entidades. O acesso para os cânticos, além desses trechos, encontra-se nas referências.

O cântico “Eu vinha de viagem” é composto por nove estrofes e dezoito versos. Serão analisadas as primeiras três estrofes e os nove versos que são cantados por duas vezes, cada estrofe, logo no seu corpus textual mostrando interação entre as entidades. A “Rainha” em determinada situação pode ser considerada como dito “x” e a Virgem da Conceição como não dito “y”, isto é, um dizer dentro de um não dizer, podendo destacar um processo de sinonímia:

Eu vinha de viagem  
Vi uma estrela brilhando  
Eram os olhos da Rainha  
Que estava me olhando

Há muito tempo eu dormia  
Não podia me acordar  
Acordei porque sonhei  
Com uma voz a me chamar

Acordei muito assustado  
Por estar dentro de um salão  
Mas estava encostado

A Virgem da Conceição. (Padrinho Sebastião, n. 11).

Apresenta-se, na primeira estrofe, o relato do receptor do hino (eu lírico), em uma viagem, na qual observa uma estrela sendo essa os olhos da Rainha “x”. Interage com a cosmologia ancestral xamânica, haja vista que esses olhos são representados como uma estrela, podendo ser possível compreender a interdiscursividade na tal referência outros sentidos ao que foi citado. O universo cosmológico do SD relaciona a entidade de Rainha a elementos naturais e utiliza destes mecanismos como compósito da crença (Luciano, 2006). Neste contexto a referência a lemanjá, é direta e sua representação é correlata a personificação desta entidade no candomblé (Verger, 1981).

Nessa determinada fase do discurso, o substantivo “Rainha” poderia soar como também sendo a Rainha da Floresta, além da própria aparição no texto, logo mais na terceira estrofe, onde aparece a Nossa Senhora da Conceição (y) havendo um dito em um não dito, pois está presente na lembrança a imagem de construção do sentido dos adeptos quanto aos nomes citados. Tanto no Candomblé (lemanjá), quanto na crença católica (Imaculada Conceição) é atribuída a ambas a função de velar. Em especial, Maria de Nazaré, é tida pela crença como a intercessora. Ela estende, nesta doutrina, a todos os habitantes da terra os mesmos cuidados que são dispensados a um filho, pessoa pela qual as mães velam o sono.

Se citassem, por exemplo, apenas as duas primeiras estrofes isoladamente em algum cartaz, os adeptos teriam uma noção quanto ao que poderia ser a estrela, diferente do que uma pessoa que não conhece o sistema conseguir identificar essa lembrança de estrela ser alguma entidade. Essa conexão é possível, no SD, haja vista o sincretismo ao qual possibilita essa interação na construção do sentido. Ao final da letra a transposição do ambiente é feita para o local de rito e a Rainha se transfigura na Virgem da Conceição, revelando a aproximação entre as duas entidades. Dentro da construção do hino, em sua totalidade, estes versos representam o início da conexão entre a pessoa e o sagrado, intermediada pela Rainha, pois nas demais estrofes não há referências a ela. A imagética da mãe que protege, vela e conduz se equivale neste contexto às demais representações de lemanjá e de Nossa Senhora da Conceição (Aguiar, 2018).

Para além do dito, o discurso expresso na letra do hino expressa uma intencionalidade e uma percepção do coletivo sobre quem é esta entidade e qual sua função. Sua presença na parte inicial da estrutura da letra demonstra a importância da entidade em realizar o papel de amparo, em um primeiro momento, pois vela pelo devoto e, em um segundo momento o guia para o salão (referência ao local do culto). Percebe-se a impregnação do discurso das crenças, valores e costumes sociais (Bauer; Gaskell, 2017), para além da concepção das religiosidades expressas, há esta forte constância, no arcabouço cultural da presença dessas entidades enquanto guias espirituais.

Pode-se compreender, assim, a conexão entre os substantivos, aos quais estrela, Rainha, Virgem da Conceição, tem como referência uma à outra conforme se adentra no texto.

A letra de “Caboclo Afirma o Ponto” é composta por seis estrofes e doze versos, destes, foram analisadas as primeiras três estrofes, entendendo-se, aqui, em “Estrela Matutina”, como dito “x”, no qual possibilitará a análise, por quem vir das ondas do mar, ser a própria “Iemanjá” (dito y), além de o próprio texto ter mencionado também a Virgem Maria, a mãe de Jesus Menino, a imaculada Conceição (dito “y”) a menção de serem a própria estrela:

Estejam em pé firme  
Que vem das ondas do mar  
Caboclo afirma o ponto  
Para as princesas bailar

É a estrela matutina  
É a Mãe de Jesus Menino  
Meu Pai, Vós nos dê pureza  
Para esta força eu aqui cantar

Ela vem com alegria  
Ela vem na harmonia  
Ela vem de passo em passo  
Esta estrela que nos guiar. (of. Gecila, n. 24).

O hino inicia com o eu lírico pedindo para que as pessoas “estejam em pé firme” e que os caboclos afirmem o ponto que, assim, as princesas bailam, pois virá da força do mar a estrela matutina o dito “x”. Essa é a representação de Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo. Se por um instante representássemos apenas a primeira estrofe, poderia identificar interdiscursividade. Ora, quem vem das “ondas do mar”? Na interpretação do ponto de vista do trabalho, se vem das ondas, algo emerge de lá. Na interpretação de um não dito “y”, assim, poderia soar como Iemanjá sendo a força da natureza, além do que o próprio hino deixou explícito na segunda estrofe, na qual a tem como a Maria. E se é a Maria, é a Nossa Senhora da Conceição, havendo assim, nesse contexto, a concepção da sinonímia ao comprar determinadas entidades.

Ainda assim, na terceira estrofe, expõe novamente a estrela, como no hino analisado anteriormente em “Eu Vinha de Viagem”, sendo a Nossa Senhora da Conceição, observando sempre o sincretismo e possibilitando a sinonímia entre essas entidades.

Com esse aparato, identificamos nos determinados “x” citados, possibilidades, em “y”, não só um “não dito” em específico, mas inúmeros outros objetos imagéticos que as referidas santas, em seus nomes, podem representar em tal contexto.

## Conclusão

Por meio de análises que a pesquisa de sinonímia dos hagiônimos buscou apresentar, entre hinários, livros e artigos do SD, destaca-se que a Orixá Iemanjá, Rainha da Floresta e Nossa Senhora da Conceição representam um mesmo objeto por meio do sincretismo.

No estudo do processo, identificou-se que o Mestre Irineu sincretizou a Clara, a Rainha da Floresta, como sendo também a Nossa Senhora da Conceição; enquanto o Padrinho Sebastião, em sua linha, permitiu que a Umbanda se inserisse no SD possibilitando então a sincretização, pois nas crenças da umbanda interage também com as entidades do catolicismo. Essa valorização ocorre, sendo possível analisar a força da mãe, da criação. Se num instante uma representa a mãe de Jesus, a outra representa a Floresta, a mãe que abriga os animais, Iemanjá é o mar e também abriga os seus. Os Orixás, antes, eram personificados em pessoas, como se essas pudessem irradiar essa energia em si (Bastide, 1961). Isto é, se tornavam avatares a serem exemplos para as pessoas. Também explicou que “é indubitável que a mitologia africana foi repensada muitas vezes em termos cristãos, no novo meio brasileiro em que penetrou” (Bastide, 1961, p. 326). Explica, com isso, que muitas das lutas que ocorrem nos mitos do candomblé, por exemplo, se assemelham aos conflitos ocorridos em Homero, entre gregos e troianos.

Mostra-se, assim, que os objetivos em dadas argumentações foram concluídos, visto que foi

possível observar a sinonímia nos hagiônimos do Santo Daime, possibilitando mais uma referência nas reflexões ao se pensar em linguagem, sendo um estudo literário, semântico e sociocultural dos hinos, determinado, assim, que os hagiônimos desta religião, na igreja de Palmas-TO, e em outros locais podem ter sinonímia, tornando-se entidades sinônimas.

Infere-se, portanto, que esses hinos podem ser usados para o ensino da literatura regional, ampliando o pensamento de mais uma linguagem para formular trabalhos de literatura, conectando assuntos sociais, ambientais e com interação de culturas distintas. Inserindo esses hinos no ensino da área de educação, será uma fonte de pesquisa em que poderá ensinar sobre os hagiônimos, como também o processo semântico de sinonímia presente neles ao se analisar tais entidades.

## Referências

AGUIAR, S. M. Hagiônimos em Goiás. *In: AGUIAR, Maria Suely; CASTRO, Maria Célia Dias de; DIAS, Ana Lourdes Cardoso (orgs.). Onomástica e a Idade do Homem em seu meio.* Goiânia: Imprensa Universitária, 2018, p. 95 - 141.

ALICE. M. Mamãe dos Ventos. *In: YouTube.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nqaEVCKLCxM>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ASSIS, G. L.; LABATE, B. C.; CAVNAR, C. Música, tradução e linguagem na diáspora do Santo Daime. **Revista de Antropologia**, v. 60, n. 1 p. 165-192, 2017. DOI: 10.11606/2179-0892.RS.2017.132102. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/132102>. Acesso em: 24 maio 2021.

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô.** São Paulo: Companhia Editora São Paulo, 1961

BAUER, M. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2017.

CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte. UFMG. 2 ed. 2008.

CORRENTE, R. **Caboclo Afirma o Ponto.** Hinos Santo Daime. Disponível em: <https://hinos.santodaime.org/acervo/pad-corrente/caboclo-guerreiro-tx>. Acesso em: 17 maio 2021.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GONÇALVES, A. T. P. Análise de conteúdo, análise do discurso e análise de conversação: estudo preliminar sobre diferenças conceituais e teórico-metodológicas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 275-300, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5335/533560872003/533560872003.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GREGANICH, J. O axé de Juramidam: a aliança entre o Santo Daime e a Umbanda. **Debates do NER**, v. 1, n. 19, p. 77-106, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/25786>. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.25786>. Acesso: 20 maio 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2016a.

HALL, S. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC, 2016b.

HURLBUT, J. **História da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida, 2020.

ILARI, R.; GERALDI, W. J. **Semântica.** São Paulo: Ática. 2006.

KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** São Paulo: Ide, 2010.

MAGALHÃES, E. dos S. Um Barquinho para navegar: devoção e habitus religioso na constituição da Capelinha de São Francisco. **Religião & Sociedade**, v. 36, p. 161-187, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/ZD5nTSZnvX9YsfkZf4JFnbK/?lang=pt&format=html>. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n2cap08>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MARRA, D.; MILANI, S. E. Uma teoria social da língua(gem) anunciada no limiar do século XX por Antoine Meillet. **Linha D'Água**, v. 25, n. 2, p. 67-90, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p67-90. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47715>. Acesso em 17 maio 2021.

MOREIRA, P.; MACRAE, E. **Eu venho de longe**: Mestre Irineu e seus companheiros. Salvador: EDUFBA/ABESUP, 2014.

MORTIMER, L. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Céu de Maria, 2000.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-REVEL**, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: [https://aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ2\\_2014/cameta/mocajuba2014/fundamentos%20da%20linguistica%20-%20profa.%20elizeth.pdf](https://aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ2_2014/cameta/mocajuba2014/fundamentos%20da%20linguistica%20-%20profa.%20elizeth.pdf). Acesso em: 24 abr. 2021.

POMPA, C. M. **Religião Como tradução**: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil no Brasil colonial. Tese de Doutorado - Programa de Doutorado em Ciências Sociais. UNICAMP, Campinas, 2001.

PRANDI, R. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. **Tempo Social**. USP, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/xDMV696nGWKw6QYJK7k6Q5S/abstract/?lang=pt>. DOI: <https://doi.org/10.1590/ts.v2i1.84787>. Acesso em: 20 jun. 2021.

REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. "Receber não é compor": música e emoção na religião do Santo Daime. **Religião & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 181-212, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/mNSnrMjDdsfFN8LXRkMZf4q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2021.

RICCIARDI, S. G. **O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura, na união do Vegetal (UDV)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pró-Reitoria de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SANCHIS, Pierre. As Tramas Sincretísticas da História: sincretismo e modernidade no espaço luso-brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 10, 1995. Disponível em: [http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/28/rbcs28\\_10.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/28/rbcs28_10.pdf). Acesso em: 11 fev. 2021.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 4. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. São Paulo: Corrupio, 1981.

Recebido em 28 de janeiro de 2022.  
Aceito em 12 de abril de 2024.